



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JANAÍNA DE ARAÚJO SILVA

**RELAÇÕES VIVIDAS:  
A homossexualidade diante do olhar de estudantes do ensino  
fundamental**

ARARUNA – PB  
2014

**JANAÍNA DE ARAÚJO SILVA**

**RELAÇÕES VIVIDAS NA ESCOLA:  
A homossexualidade diante do olhar de estudantes do ensino  
fundamental**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alessandra Gomes Brandão

ARARUNA – PB  
2014

---

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

---

S586r Silva, Janaina de Araújo  
Relações vividas na escola [manuscrito] : a homossexualidade  
sob o olhar de alunos do ensino fundamental / Janaina de Araújo  
Silva. - 2014.  
42 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual  
da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2014.  
"Orientação: Dr<sup>a</sup> Alessandra Gomes Brandão, Departamento  
da PROEAD".

1. Homossexualidade 2. Gênero 3. Cotidiano escolar I.  
Título.

21. ed. CDD 306.766


**JANAÍNA DE ARAÚJO SILVA**

**RELAÇÕES VIVIDAS NA ESCOLA:  
A HOMOSSEXUALIDADE DIANTE DO OLHAR DE  
ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

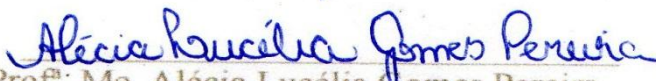
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 26 / Julho / 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Gomes Brandão / UEPB  
Orientadora

  
Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima / UEPB  
Examinador

  
Prof.<sup>a</sup> Me. Alécia Lucélia Gomes Pereira  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

Rubem Alves nos lembra “Somos as coisas que moram dentro de nós. Por isso, há pessoas tão bonitas, não pela cara, mas pela exuberância de seu mundo interior”. Dedico essa pesquisa a essas pessoas bonitas que tentam não se restringir a pensar e viver o mundo que os é imposto, mas que de alguma forma são ou se sentem excluídos dessa sociedade individualista e preconceituosa e que na maioria das vezes deixam de viver a vida da maneira como desejam em função do olhar do Outro.

## AGRADECIMENTOS

É neste momento que percebemos o quanto palavras como Obrigado são minúsculas para agradecer a tantas pessoas especiais que em muitos momentos se anularam para consolar ou me proporcionar momentos leves para diminuir a ansiedade e o cansaço das leituras e da escrita.

Antes de mais nada quero agradecer a minha mãe que do jeito dela sempre fez de tudo para me mostrar o quanto o estudo pode engrandecer uma pessoa e só a partir dele podemos crescer. Aos meus irmãos Jaqueline e Juscelino que seguraram a minha barra e me “puxavam a orelha” para que meu estresse não estragasse nosso convívio.

À professora e amiga Dr<sup>a</sup> Alessandra Brandão pela compreensão e amizade pelas conversas e conselhos para além da monografia e da sala de aula pela aprendizagem através de seus atos e gestos.

Aos funcionários da UEPB, em especial a Isabela pela presteza e atendimento quando nos foi necessário e alegria de todos os sábados.

Aos meus colegas de especialização pelos bons e agradáveis momentos depois de uma semana conturbada e cheia de percalços tornando meus sábados mais prazerosos e divertidos.

Aos meus amigos em especial, Marina Carla e Rosângela Vital pelo espaço cedido para o momento de estudo e pelos ouvidos sempre disponíveis para escutar todas as minhas angústias. A Marinelma Neves e Hélio Pereira, colegas de trabalho, profissionais a quem admiro e respeito pelo incentivo e as palavras amigas e por segurar a barra enquanto precisava sair da escola para providenciar minha pesquisa.

E a Ele que nas noites nebulosas e de insônia e nos dias escuros e cansativos me dava força e determinação para persistir na batalha e enfrentar as adversidades - Deus meu fiel amigo e conselheiro.

E por fim, a todos a quem não citei, mas que meu coração agradece por ter entrado em minha vida e me ajudado a tornar a caminhada menos estressante e mais leve. Meu coração e o meu caminho não seriam o mesmo sem um pedacinho de cada um de vocês. Meu MUITÍSSIMO Obrigado!

“Não é possível, clinicamente, fingir que não é a escola que, em grande parte, determinou e determina o que aí está. Lastimar e culpar os outros pode aliviar a responsabilidade e a culpa, ou salvar as aparências sabemos todos que nós educadores precisamos aumentar a própria competência para garantir melhor a nossa parcela de contribuição na construção da sociedade que todos almejamos”. (BOTOMÉ, 1994, p.21)

## **RESUMO**

Esta pesquisa pretende discutir as percepções dos alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Antônio Bento no município de Serraria acerca da homossexualidade e da criação dessas identidades sexuais dentro da escola. Com o objetivo de fomentar as discussões em torno da educação, sexualidade e gênero no cotidiano escolar. A metodologia utilizada foi com base na pesquisa através de questionário com perguntas de múltipla escolha e abertas para que esses jovens pudessem colocar as suas inquietações e curiosidades sobre o assunto. A análise dos dados observados aponta inicialmente o preconceito camuflado e a falta de informação diante do assunto. Destaca-se, por fim, a necessidade de maior espaço na discussão dos temas corpo, gênero e sexualidade no currículo escolar visando diminuir a discriminação dentro do âmbito escolar e consequentemente na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação – Homossexualidade - Gênero



## **A B S T R A C T**

This research intends to discuss the perceptions of students in the 9th grade of elementary school at the State School Antônio Bento in town of Serraria about homosexuality and the creation of these sexual identities. In aim objective to create discussions about education, sexuality and gender in the daily school life. The methodology used was based on the research through a questionnaire with open and multiple choice questions for these young people could put their concerns and curiosities about the theme. The analysis of observed data points initially the camouflaged prejudice and lack of information on the subject. Noteworthy finally, the need for more space in the discussion of themes: body, gender and sexuality, in the school curriculum in order to decrease discrimination inside the school environment and consequently in society.

**KEYWORDS:** Education - Homosexuality - Gender

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	.....	9
CAPÍTULO 1	A (RE) CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES.....	14
1.1	A busca por vias mais amplas de análise acerca da sexualidade.....	14
1.2	O corpo como dispositivo de pecado.....	18
1.3	O lugar da escola nos discursos acerca da homossexualidade.....	20
CAPÍTULO 2	AS VOZES REVELADAS: COMO SE ABORDA A HOMOSSEXUALIDADE DENTRO DA ESCOLA.....	22
2.1	O contexto escolar.....	22
2.2	O silêncio ensurdecido: A abertura das discussões.....	23
2.3	O desenrolar das falas.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	.....	36
ANEXOS	.....	38

## INTRODUÇÃO

Um menino disse que quando via um gay tinha vontade de matá-lo. Esse aluno, no trabalho, tinha um colega homossexual e, graças às reflexões em sala de aula, passou a respeitá-lo. Depois de um mês, porém, voltou a afirmar que pensava em matá-lo se ele o cantasse. Perguntei a ele se teria a mesma reação se uma mulher o abordasse. Homens e mulheres não têm direitos iguais? Ele começou a entender que a sexualidade do colega não ameaçava a sua. Hoje os dois são amigos. (Martins & Moço, 2008, p.46).

Esse relato acima, da professora Edite Alves Bezerra, professora da sétima série do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ilustra a função e a importância do espaço escolar para o redimensionamento, a construção dos valores e julgamentos morais na sociedade.

A sociedade brasileira vive profundas transformações que não podem ser ignoradas por nenhuma instituição democrática. Cresce no país a percepção da importância da educação como instrumento necessário para enfrentar situações de preconceitos e discriminação e garantir oportunidades efetivas de participação de todos nos diferentes espaços sociais.

A escola vem sendo chamada a contribuir de maneira mais eficaz no enfrentamento do que impede ou dificulta a participação social e política e que, ao mesmo tempo, contribui para a reprodução de lógicas perversas de opressão e incremento das desigualdades.

Uma das maiores inquietações atualmente no panorama escolar é enfrentar a violência que cerca o espaço educacional erradicando o preconceito e a intolerância por parte de jovens e adultos que já chegam à escola com uma carga ideológica imbricada de inquietações, curiosidades, medos e práticas cotidianas que delimitam seus espaços com base em regras e normas instituídas por instituições legitimadoras do poder no intuito de docilizar os corpos e os sujeitos.

Alguns dos sujeitos que hoje em dia enfrentam mais ferozmente essa violência tanto física quanto simbólica, através de estereótipos pejorativos são os homossexuais que a cada momento ganham mais espaço porém enfrentam mais a intolerância por parte de mecanismos opressores e de sujeitos que instituem e perpetuam determinadas verdades que são vistas como certas e absolutas.

A homoafetividade - a qual iremos utilizar o termo para abordar a prática sexual e amorosa de sujeitos do mesmo gênero- está presente no contexto escolar a partir de seus sujeitos, associados a estigmas, no caso dos meninos com trejeitos afeminados, chamados de “bicha”, “boiola”, “veado” e das meninas com trejeitos masculinos denominadas de “machão” e “sapatão”.

Em algumas universidades professores, estudiosos e simpatizantes começam a trocar a palavra homossexualidade por homoafetividade, do ponto de vista etimológico, quer dizer “afeto por pessoa do mesmo sexo” (homo + afetividade), como uma forma de diminuir a maneira pejorativa e discriminatória a qual é tratada linguisticamente. No Brasil, a palavra homossexualidade ganha cada vez mais espaço e o termo homossexualismo deixa, pouco a pouco, de ser usado. Isso por que muitos dos adeptos do movimento LGBT acreditavam que o termo denotava uma espécie de preconceito, haja vista o sufixo 'ismo' dá a ideia de doença, patologia, constituindo uma forma de pensamento antiquado e preconceituoso.

Sendo assim, o trabalho ora proposto visa mapear a percepção de alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Bento, no interior do Estado da Paraíba, no município de Serraria, que fica a aproximadamente 140 Km da capital.

Durante o decorrer do ano de 2013 ao iniciar os trabalhos pedagógicos nessa escola, chamou-nos atenção a grande quantidade de jovens homossexuais (meninos e meninas) e travestis, nos levando a questionar de que forma estes eram vistos pelos colegas, pelo corpo discente e administrativo da escola.

Um fato que nos chamou atenção foi o caso de uma professora que ao conversar sobre a mudança de comportamento de um aluno que era introvertido, antissocial e ouvia adjetivos jocosos acerca da sua sexualidade, deixando-o na maioria das vezes irritado. Segundo, o relato, ao retornar das férias se assumiu como homossexual, chegando mais extrovertido, seguro de si, sociável, também visto por alguns professores como mais rebelde, levando alguns a suscitarem a ideia de que seria o reflexo da alta confiança do mesmo no intuito de se afirmar.

O caso desse jovem citado não é o único, visto que há um grande fluxo de adolescentes que estão (re) criando novas identidades culturais e sexuais. Ou sejam há um crescente número de alunos e alunas que estão no período de descoberta da pré-adolescência e que se assumem como homossexuais saindo da zona de conforto da

heteronormatividade que impõe a heterossexualidade como única forma correta de prazer sexual.

Esse trabalho não tem intuito de se aprofundar em uma conceitualização da homossexualidade, até porque essas questões são frequentemente ressignificadas atualmente e imbuídas de relações de poder que devem ser abordadas em outras pesquisas para discutir essas posições epistemológicas. O objetivo deste é entender como a sexualidade é pensada e percebida pelos alunos do último ano do ensino fundamental da Escola Estadual Antônio Bento. Escolhemos esse grupo por entendermos que o 9º ano é o fim de um ciclo educacional que leva o alunado a construir um novo ciclo após sua entrada no ensino médio com novas perspectivas, e visões do mundo.

O método utilizado para investigar essas percepções foi à aplicação de questionário, porém, com algumas intervenções realizadas quando os alunos precisavam de esclarecimentos sobre o que se tratava. Algumas vezes esse esclarecimento se estendia, sendo possível perceber a opinião dos mesmos acerca da questão.

Essa perspectiva está apoiada nas ideias de Louro (2001), que nos diz que a escola é um espaço bem difícil para se assumir as identidades sexuais. Mesmo sendo tida como um espaço livre e acolhedor em comparação com outros lugares, ela é permeada de poderes de sociabilidades que vão normatizando os corpos.

Nosso objetivo teórico é promover diante dessa interrogativa o debate no campo da educação em torno das desigualdades de gênero, bem como discutir e aprofundar os temas relativos à sexualidade, especialmente no que diz respeito à construção das identidades sexuais. Trata-se de discutir as relações de poder que se estabelecem socialmente, a partir de concepções naturalizadas em torno das masculinidades e feminilidades.

A partir das análises de Foucault (1993), Louro (2001; 2004), compreendemos que instituições sociais como escola, igreja, família e Estado produzem discursos que normatizam e constroem percepções acerca de determinados temas, nesse caso da heterossexualidade como norma a ser seguida.

As práticas sexuais que diferem da norma são vistas como pecado, doença, perversão, imoralidade sendo, em geral, analisadas como desvios, problemas, que colocará a família “tradicional” em crise e, como tal, precisa de solução. Uma das soluções encontradas além de tratá-los como desviantes é instituir normas punindo os transgressores. Essas punições variam de acordo como o contexto sociocultural do sujeito partindo de agressões simbólicas à violência física.

Foucault (1993) vai analisar como a ideia de sexo começa a ser vista pela sociedade e como esta começa a educar o corpo através dos discursos das instituições como a justiça e a igreja. Ele mostrará como estamos inseridos numa sociedade que vincula sexo com poder, fazendo uma análise das relações de poder em torno do sexo efetuadas por religiosos, psicólogos e por outras instituições.

Partimos também da perspectiva de Louro (2007), que estuda os corpos a quem ela adjetivará de “corpos dóceis”, “corpos educados” e o quanto é difícil na escola os alunos assumirem novas identidades por causa dos preconceitos existentes nos discursos e atitudes de outros alunos e funcionários. Louro, deixa em evidência a sexualidade, a identidade e o gênero como uma construção social, uma vez que, a própria sociedade impõe, consciente e inconscientemente, regras, valores e condutas que constituem-se como o “padrão de normalidade” aceito pela maioria. A obra de Louro ainda fornece subsídios para compreender o ensino da sexualidade no desenrolar do espaço escolar e a denominada Teoria Queer<sup>1</sup> que inicialmente surge nos EUA e na Inglaterra.

Tomaz Tadeu da Silva (2013) analisa através da construção do currículo escolar como esses sujeitos estão inseridos e como o currículo precisa está flexível às novas práticas pedagógicas assumindo um papel de fomentador e de agente enquanto mediador de culturas e poder levando a escola ficar mais perto da comunidade e de seu cotidiano.

Stuart Hall (2005) chamará a atenção para a crise de identidade e as múltiplas identidades que vão surgindo na chamada pós modernidade. O autor mostra como a identidade que antes era considerada algo imutável e fixa passa a ser notada como algo mutável e flexível. Isso nos fornecerá base para analisar os sujeitos dentro da realidade da escola.

Judith Butler (2003) pautada na epistemologia feminista questiona a forma “naturalizante” como a sociedade contemporânea construiu e mantém suas concepções de gênero e como esses papéis ditos masculinos e femininos são (re)construídos cotidianamente.

---

<sup>1</sup> Segundo Tomaz Tadeu da Silva ela surge de forma depreciativa para identificar as pessoas homossexuais dentro do currículo, e ao ser reduzido ao português é identificado como algo estranho, esquisito, forma do normal. Só posteriormente o movimento homossexual a utiliza de maneira positiva “ funciona como uma declaração política de eu o objetivo da teoria queer é o de complicar a questão da identidade sexual e, indiretamente, também a questão da identidade cultural e social. Através da ‘estranheza’ quer-se perturbar a tranquilidade da ‘normalidade’( 2013, p.105.)

"A categoria sexual e a instituição naturalizada da heterossexualidade são construtos, fantasias ou "fetiches" socialmente instituídos e socialmente regulados, e não categorias naturais, mas políticas (categorias que provam que, nesses contextos, o recurso ao "natural" é sempre político)" (Butler, 2003, p.182).

Por fim, Bourdieu, em o Poder Simbólico (2006, p.8), vai demonstrar que o poder está em toda parte, mas muitas vezes é ignorado, não porque não se percebe, pelo contrário porque os indivíduos estão envolvidos em sua teia exercendo poderes invisíveis uns com os outros “seria esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem”, o que se encaixa na perspectiva de micro poderes de Foucault ( 1997 ) ao comentar que cada sujeito exerce poder sobre o outro e esse circula nas várias instâncias sociais.

# 1 CAPÍTULO – A (RE) CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES

## 1.1 A busca por vias mais amplas de análise acerca da sexualidade

A emergência dos Estudos Culturais constituiu um deslocamento metodológico no conhecimento e agir de várias ciências colocando em foco a complexidade de paradigmas que estruturavam a sociedade, trazendo à tona novas discussões e sujeitos que antes eram despercebidos ou desprezados pelos discursos oficiais. Ela contempla as análises sobre a construção das múltiplas identidades (étnicas, de gênero, sexuais); a produção de saberes e relações de poder; o estudo das sensibilidades e da subjetividade; a análise das práticas sociais e as representações do mundo. É, pois, diante dessas novas possibilidades que vários estudiosos passaram a investigar os mais variados temas e objetos.

O desenvolvimento dos Estudos culturais influenciou a maneira de pensar as relações entre os seres humanos. As sensibilidades e representações culturais foram reconhecidas como objetos legítimos de estudo e a difusão e a recepção das práticas e produções culturais, dos discursos e de suas relações de instituir lugares e poder aos sujeitos passaram a ser discutidas em profundidade.

Chartier (1994), historiador francês, discute como os Estudos Culturais irão fomentar novas descobertas de temas e sujeitos que já tinham uma verdade construída e congelada desconstruindo os espaços e fragmentando os sujeitos para melhor entendê-los:

As obras não têm sentido estável, universal, congelado. Elas são investidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro entre as formas e motivos que lhes dão a estrutura e as competências ou expectativas dos públicos que delas se apoderam. (CHARTIER, 1994, p. 103)

Dentre eles a noção ontológica do que é “ser” mulher e/ou homem e do seu papel nas sociedades desestabiliza-se, ocasionando mudanças estruturais e institucionais. Como resultado deste processo de fragmentação e de construção de novas identidades surgem novos sujeitos, cria-se imagens múltiplas para o feminino e masculino.

A partir da década de 1960 com o crescimento da mobilização dos movimentos sociais, de negros, mulheres e homossexuais os vários setores sociais tentaram se inserir nos diversos espaços, discussões acerca da situação desses sujeitos dentro da sociedade. Essas discussões chegam inicialmente às universidades onde os estudiosos refletirão diante



dos conceitos, das relações de poder que criam e interferem na criação e no lugar exercido por esses indivíduos partindo para a reflexão de como incluir no currículo esses personagens de maneira que eles não estivessem mais no limbo dos Estudos Culturais, ou seja que eles deixem o papel de antagonista para o de protagonista da sua história.

O conceito de gênero foi criado com o objetivo de estabelecer outra perspectiva sendo uma categoria de análise para mostrar que a antiga divisão sexual como binômio homem / mulher já não dava conta da diversidade identitária dos novos sujeitos que estavam sendo formados nessa sociedade considerada pós-moderna.

A palavra gênero passa a ser vista como uma maneira de indicar que a biologia e o termo sexo não explicavam por si só os aspectos sociais que envolviam esses sujeitos. Como cita Tomaz Tadeu Silva

Gênero opõe-se, pois a sexo enquanto esse último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo “gênero” refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual. (2013, p. 91)

Inicialmente, os estudos de Gênero surgem para criticar o papel homem/ mulher depois essa noção amplia-se relacionando agora novos posicionamentos como, por exemplo, refletir como esses homens e mulheres são construídos socialmente limitando seus espaços e condutas no intuito de seguir as convenções sociais. Diante disso passa a se pensar gênero como algo a mais, isto é, a perspectiva agora era entender como são criados esses sujeitos e com eles uma centena de características ditas comuns a ambos os sexos e àqueles que não se encaixam dentro desses espaços são excluídos socialmente por não serem identificados através da binaridade masculino/ feminino começando a abordar os estudos da criação do corpo e de sua sexualidade e com eles a criação das novas identidades identificadas como homoafetivas.

Com base nessas prerrogativas surge mediante a radicalização desses questionamentos nos EUA e na Inglaterra a Teoria Queer, indagando a sexualidade como uma construção histórica e social variando de acordo com a sociedade e o tempo e mostrando que a forma como à vivemos nos foi imposta através de processos discursivos que buscavam fixar a criação de uma sociedade higienizada, moderna e civilizada controlando os sujeitos e seus corpos para que estes não se desviassem do caminho produzido como o único modelo a ser vivido e pensado.

Pensar Queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitadora (SILVA, 2013, p.107)

Em meio a essas indagações surge o desejo de alguns estudiosos englobarem uma pedagogia Queer no currículo não com o intuito de fomentar atitudes de respeito à homossexualidade, bem mais do que isso, estimular a reflexão e o questionamento da sexualidade e como esta deve ser tratada em sala de aula, visando problematizar as categorias definidas historicamente como fixas, únicas e verdadeiras, questionando noções de corpo, sexualidade (feminino x masculino), compreendendo os vários espaços de conhecimento e das identidades sexuais e acabar com esse binarismo. Binarismo este que será desequilibrado com a indagação do papel desses sujeitos dentro da construção social, bem como o questionamento das certezas ditas absolutas que sempre modelaram a sexualidade. Sendo assim, a Teoria Queer se deterá em demonstrar os silenciamentos, as inquietações, as prisões sociais, a opressão em que vivem os homossexuais.

As concepções acerca da sexualidade têm tido uma grande relevância para a pesquisa e discussões de alguns estudiosos. Conforme Foucault,

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta por em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico. (FOUCAULT, 1993, p.100)

Para o autor, a sexualidade é uma criação da sociedade através de mecanismos, estratégias e discursos acerca do sexo e esses discursos vão criar conceitualizações conforme o poder de cada instituição sendo fruto do seu tempo e espaço. Ele questiona a visão ontológica do sexo visão esta perpetuada através dos discursos e de instrumentos de poder seja a mídia, a escola, a igreja, a família ou o Estado.

Uma das primeiras instituições a barrar, recriminar, castigar as práticas sexuais homoafetivas foi à igreja que via a relação sexual apenas como necessário para a procriação, combatendo-a com discursos de que o sexo sem essa finalidade era pecado.

A partir do século XVIII, se estendendo até meados do século XX, o apogeu da Revolução Industrial, da burguesia e do novo modelo social, a sexualidade torna-se um caso de polícia. Foucault (1998) comenta que “entre o Estado e o indivíduo ocorreu uma série de discursos, tornando sexo objeto de controle do poder”. Ele relata que os sujeitos

que buscavam o prazer através do sexo sem intuito de procriar eram perseguidos pela igreja e taxados como loucos, hereges e castigados, sendo preso ou julgado pelo Tribunal da Inquisição.

Vários são os relatos de homossexuais que tiveram suas vidas mudadas quando descoberta as suas práticas sexuais consideradas “anormais”. Os mesmos eram percebidos como transgressores, sendo identificados com adjetivações pejorativas como sodomia, pederasta ou urânico. Um dos casos famosos é o do Oscar Wilde<sup>2</sup>, escritor inglês que se envolveu com um rapaz mais jovem, sendo, por isso, preso e obrigado a trabalhar em regime forçado por dois anos.

Segundo Louro (1999), no século XX, a partir dos estudos de Freud, a sexualidade passa a ser tratada com mais espontaneidade e incorporada como algo “natural” na vida do ser humano, supondo que a biologia estivesse na essência e fosse à resposta para o questionamento de como e o que leva o sujeito a se afeiçoar por alguém do mesmo sexo.

Michel Foucault em seu trinômio acerca da História da sexualidade<sup>3</sup> demonstra que a ideia de natural também surge diante de discursos que vão construir e legitimar a noção ontológica do sexo e do comportamento sexual tornando-se preocupação e motivo de estudos de profissionais das mais variadas áreas científicas

---

<sup>2</sup> Sobre isso ler Luiz Guaracy Gasparelli Junior. Oscar Wilde, a ética da decadência e a estética da Mentira. XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. UFPR – Curitiba, Brasil, 2011.

<sup>3</sup> Foucault é conhecido pelos seus estudos acerca da loucura, das relações de poder, da análise dos discursos e da História da sexualidade onde aborda como os discursos acerca da sexualidade aparecem e com que objetivo. Como esses discursos moldarão os comportamentos dos sujeitos criando novas identidades e afugentando determinadas práticas que serão punidas e vigiadas no intuito de não prejudicar a construção de uma sociedade moderna, civilizada e higienista. Os três livros dele sobre a sexualidade são: História da Sexualidade: A vontade de Saber. Vol1 ; O uso dos prazeres. Vol. 2; O cuidado de Si. Vol.3; editora Paz e Terra, 2014.

## 1.2 O corpo como dispositivo de pecado

A partir do Iluminismo, do chamado Século das Luzes, o corpo foi sendo separado do espírito e reduzido a algo mecânico, controlado, ou seja, “um instrumento a ser operado pela razão, cujo propósito era resguardar a igreja e a ciência moderna que então despontava (HOFFMAN,1998). O corpo é modelado pela sociedade da época. Essa sociedade é a que produz a cultura, desta forma, o corpo se torna um símbolo cultural que tem o seu sentido transformado em cada período e espaço. Como comenta Louro (2000), os corpos ganham sentido socialmente no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura.

Diante disso, o prazer e o desejo eram vistos como algo pecaminoso. Era permitido e totalmente aceitável entender o sexo como única forma que serviria a procriação. Para Foucault (2014, p. 149), “a natureza organizou a conjunção dos sexos para assegurar a descendência dos indivíduos e a sobrevivência da espécie”. Ou seja, estava totalmente voltado para a constituição da família, nada de excessos. E durante muito tempo esse foi o único objetivo da prática sexual onde os corpos sempre estavam sobre a vigilância de instituições reguladoras da norma.

Algumas entidades sociais mascaravam a repressão e normatização do corpo alegando um cuidado de manter a “ordem natural” que é legitimada através dos discursos que vão sendo propagados e enunciados cotidianamente por essas unidades repressoras delimitando os lugares de ambos.

Esse mecanismo que geralmente age invisivelmente reprimindo as sensações, os comportamentos, normatiza o corpo com o intuito de mecanizar o indivíduo. A criança ao nascer entra numa cadeia disciplinar e de vigilância constante que interdita qualquer tendência que a leve a sair do poder (norma) instituído pelas entidades repressoras.

A escola pratica a pedagogia da sexualidade, disciplinando os corpos. Geralmente de forma imperceptível, mas desde criança a escola se responsabiliza em educar a menina a sentar corretamente com as pernas fechadas, a brincar de boneca ou de brincadeiras não tão agressivas.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Vê LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Aos meninos é ensinado a andar abruptamente - uma vez que malemolência “é coisa de menina” - a brincar de bola, na areia, de carro e a jogar. Assim vão se construindo espaços e gestos que acreditam serem apropriados para determinados gêneros.

Segundo Louro (2000, p.6)

Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros-feminino e masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas, de expressar os desejos e prazeres- também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Quem ousa se comportar diferente do “permitido” que não se enquadra ao padrão criado de masculinidade e feminilidade é o diferente e é excluído sofrendo sérias consequências físicas ou emocionais.

A escola que deveria agir como um espaço para trabalhar a multiculturalidade, a crise identitária dos sujeitos, sua heterogeneidade, na verdade, acomoda-se a homogeneizar os espaços fabricando o indivíduo que estria de acordo com as normas impostas pela sociedade.

Tomaz Tadeu em seu livro *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo (...)* comenta que a diferença é essencialmente um “processo linguístico e discursivo” (p.87). Concordamos com o autor na perspectiva de que é através do dito ou do olhar do Outro que nos enxergamos e nos percebemos. O indivíduo só sabe que é gordo, negro, baixo, homossexual quando há uma referência do que é ser magro, branco, alto e heterossexual. É a partir desse olhar que (re) cria-se os lugares e os comportamentos.

São as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um sinal, que o “diferente” seja avaliado negativamente relativamente ao não “diferente”. (SILVA, 2013, p.87)

Tomaz Tadeu utilizará o termo Cânon para diagnosticar qual seria o modelo propagado pelo currículo como o certo, o normal e diante do inverso deste “cânon” é produzido o sujeito que foge a essa normatividade, mas o currículo e a escola só conseguirá atingir a todos a partir da reflexão acerca das “formas pelas quais a diferença é produzida por relações sociais de assimetria”. (SILVA, 2013, p.90).

### 1.3 O lugar da escola nas discussões acerca da homossexualidade

Com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o MEC elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais instituindo o que eles chamam de temas transversais que englobam seis assuntos - Ética, Orientação sexual, Ambiente, Saúde, Estudos econômicos e Pluralidade cultural- que podem ser abordados e adaptados à realidade de cada escola. Um dos intuitos de abordar o tema Orientação sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade (PCN's, 1997. p.133).

O documento nos leva a refletir o que se entende por prazer e responsabilidade, já que a mesma está vinculada unicamente a tratar da proteção necessária a relações sexuais de maneira protegida, se prevenindo de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez não planejada. Ou seja, as orientações se limitam a normatizar a prevenção, deixando de lado assuntos que possam causar maior polêmica. Diante disso, é possível entender que o documento e, conseqüentemente a própria escola, limita o debate as normas de proteção.

Uma evidência disso, é o fato da sexualidade no currículo pedagógico geralmente integrar as ciências da natureza, abordando a anatomia ou a questão da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, deixando muitas vezes implícito, que se trata de algo “criado pela natureza”.

Mesmo os PCN's insistindo que a Orientação sexual deve englobar e ser dividida par a melhor orientar o aluno através de três eixos temáticos: corpo: matriz da sexualidade; relações de gênero; prevenção das doenças sexualmente transmissíveis / AIDS, há uma ênfase no terceiro eixo restringindo- se apenas a discutir a gravidez na adolescência, a relação sexual prevenida para evitar doenças sexualmente transmissíveis não tendo outra dimensão para abordá-las.

Ao tratar das relações de gênero, os PCN's abordam o tema indicando gênero como uma construção sociocultural indicando que as diferenças se sobrepõem a binaridade (homem e mulher), diferente do que pretende a teoria Queer.

Segundo os PCN's, Gênero

[...] diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se os de desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social (PCNs, 2000, p. 321-322)

Ainda trabalha na perspectiva em que o professor deve está atento a alguma discriminação que possa surgir de alunos ao serem notados como “diferentes” porque são meninas mas gostam da disciplina de Artes ou meninas mas preferem Educação Física, esportes como o futebol. Levando a cada vez mais engendrar os espaços ditos “normais e comuns” para ambos e aqueles que fogem a regra precisam de uma vigilância maior uma orientação.

A escola perpetua essa normatização mediante nossa omissão ou nossa permissão enquanto educador em não problematizar ou questionar acerca da sexualidade não apenas como dispositivo de desejo e prazer, mas como dispositivo imbuído de poder.

## **2 CAPÍTULO- AS VOZES REVELADAS: COMO SE ABORDA A HOMOSSEXUALIDADE DENTRO DA ESCOLA**

### **2.1 O contexto escolar**

A escola que realizamos a pesquisa foi a Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Bento, da cidade de Serraria, localizada na microrregião do Estado da Paraíba. A cidade possui uma população de um pouco mais de 6 mil habitantes. Serraria dispõe de trinta e uma escolas públicas. Desse total, vinte nove pertencem à rede municipal e duas à rede estadual.

A escola possui 23 professores, sendo 10 deles concursados e 13 prestadores de serviços. Destes esses profissionais, 08 ensinam disciplinas das quais não correspondem com sua formação acadêmica. Devido a escola não possuir mais de 600 alunos (estão matriculados apenas 517 entre os três turnos), os gestores da escola são políticas, não havendo eleição para a escolha da direção nem coordenação da escola. Inclusive 5 dos atuais professores já foram diretores da escola.

A escola possui uma biblioteca, um almoxarifado, uma sala de vídeo, uma sala de informática – que não é utilizada- um laboratório de ciências- só utilizado quando há amostra de arte e ciências da escola- um pequeno auditório, pátio, cantina, 8 banheiros para alunos, 8 salas de aula, sala de professor, secretaria e diretoria.<sup>5</sup>

Nos turnos matutino e vespertino funcionam as turmas de ensino fundamental e médio e no turno da noite o EJA (Educação de Jovens e Adultos) e atualmente o Programa do Governo- PROJOVEM Urbano.

A escola fica localizada em meio a duas comunidades de vulnerabilidade social. A maioria do alunado reside nessas comunidades e na zona rural do município. Os jovens que possuem um poder aquisitivo maior vão estudar na cidade de Bananeiras em escolas estaduais e privadas.

---

<sup>5</sup> Em anexo estão as fotos de alguns espaços da escola



## 2.2 O silêncio ensurdecedor: A abertura das discussões

Inicialmente a ideia era começar uma roda de debates nas aulas de história e após esses encontros tentam estudar o que se pensa sobre o tema. Todavia, achamos mais interessante fazer o processo inverso e mapear o que eles já sabem sobre a temática, suas angústias, inquietações. A escolha do 9º ano se deu diante da perspectiva de que possivelmente boa parte desses jovens estará concluindo uma etapa educacional e enveredando por novos caminhos ou na mesma escola ou ingressando em cursos técnicos, escolas de magistério entre outros segmentos.

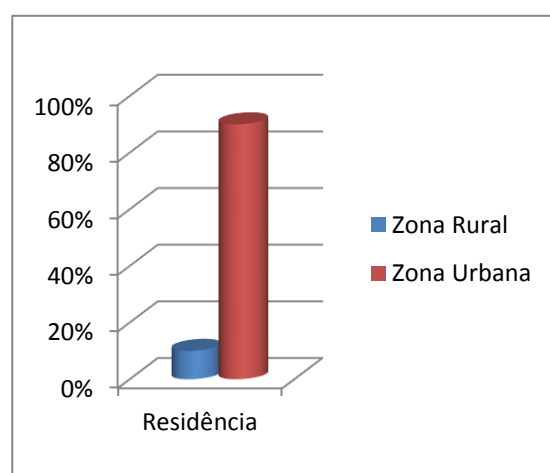
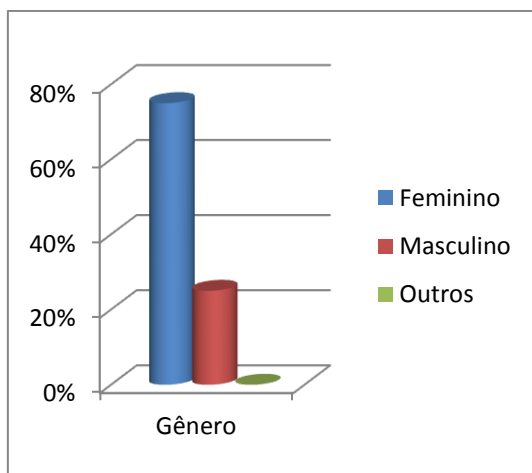
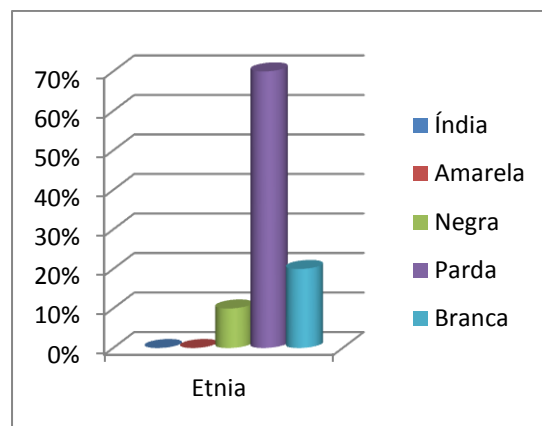
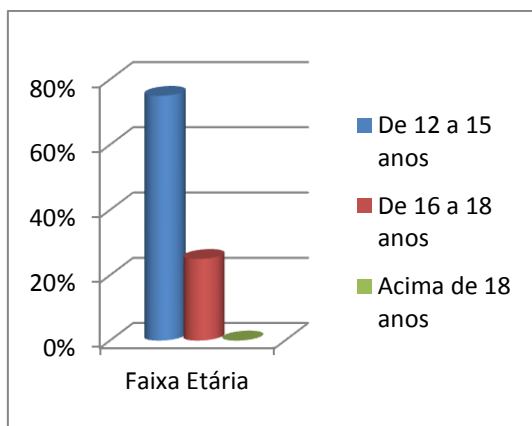
O questionário foi composto de duas etapas: a primeira, o aluno informava suas características sociais, tais como: faixa etária, renda familiar, religião, etnia, onde residia e a que gênero pertencia - utilizamos esse termo de acordo com a denominação de Scott (1995) que o entende como categoria analítica um conceito construído culturalmente na tentativa de disciplinar e normatizar os corpos em padrões sociais instituídos pelas instituições que detêm o poder tentando diante dessas características a priori termos uma ideia do espaço sociocultural ao qual esse aluno está inserido.

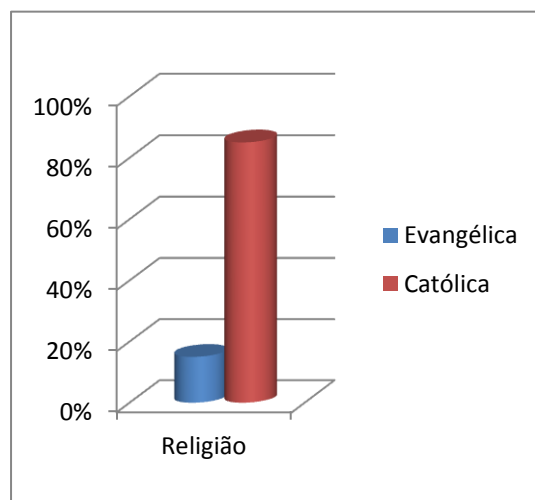
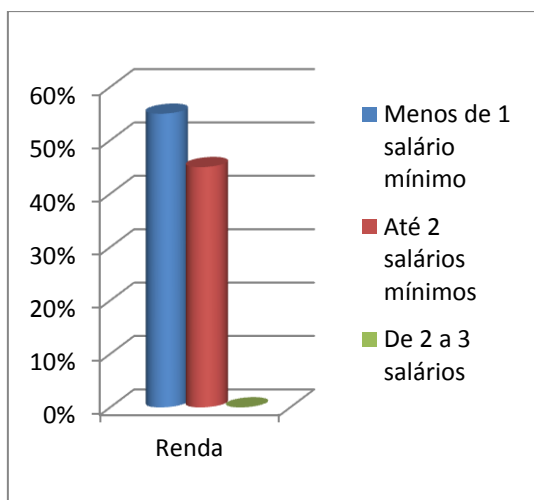
A segunda parte constou de questões subjetivas e de múltiplas escolhas, que visou mapear a visão dos alunos sobre a homoafetividade, a qual nos deteremos com mais afinco a discutir. É importante frisar, no entanto, que não estaremos fazendo apologia à homo ou a heterossexualidade. O objetivo do trabalho é entender as percepções que esses jovens têm sobre a temática e não interferir na construção de novas identidades. O questionário dispôs de 09 perguntas entre múltiplas escolha e subjetivas. Visando manter o anonimato dos alunos estudados, os mesmos não se identificaram no questionário e serão apresentados sempre a partir de uma letra (Para o aluno A...).

Ao todo foram entregues 45 questionários nas duas turmas do 9º ano (manhã e tarde), contudo, apenas 25 foram respondidos. De partida, esse primeiro resultado nos chama atenção, uma vez que quase 50% dos estudantes participaram da pesquisa. Tendo em vista alguns resultados que aparecem nas respostas dos alunos, essa não adesão pode significar que não se interessaram pela temática, ou acreditavam não ser importante essa discussão. Entretanto, essa lacuna deixada pela falta de respostas desses estudantes nos auxilia na compreensão de que mesmo esse tema estando exposto em mídias, no dia a dia das conversas entre eles mesmos, é algo ainda silenciado.

A faixa etária dos entrevistados está dividida da seguinte forma: 95% possuem entre 12 a 15 anos; 5% são de 16 a 18 anos e nenhum foi indicado como maior de 18 anos. Os alunos pesquisados se distribuem em cinco etnias diferentes, dentre elas, sendo 10% dito pertencer a etnia negra, 70% a parda e 20% sendo branca. Entre os entrevistados, 75 % se declararam pertencendo ao gênero feminino e 25% ao masculino. Residem 90% na zona urbana e os 10% na zona rural. A renda mensal de 55% deles ficou entre um salário mínimo; enquanto os outros 45% até dois salários mínimos. Em relação à religião, 15% pertencem a religião protestante e 85% disseram ser católicos, não tendo outra religião assinalada.

Nos gráficos abaixo estão demonstrados em percentuais como estão divididos os estudantes através de suas características socioeconômicas.





Apresentado o perfil socioeconômico dos nossos entrevistados, passamos a segunda etapa de nossa pesquisa. A primeira questão colocada para os referidos estudantes perguntou: **“O que você entende por homossexualidade?”** A resposta a essa pergunta, de imediato, nos causou muita surpresa, uma vez que cerca de 60% dos estudantes vinham nos perguntar o que significava o termo “homossexualidade”. Como explica Kaplan (1999, p.143), o prefixo ‘homo’ vem do grego que significa ‘mesmo’ e o termo ‘homossexualidade’ refere-se genericamente a qualquer atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo. Ao explicarmos isso, os alunos rapidamente diziam “Ah! veado”? ou “ Ah entendi é bicha, vixe”.

Essa reação, por si, já nos aponta para a realidade vivenciada por eles que estão acostumados a ouvir esses tratamentos pejorativos, sem identificar o nome correto, mas recorrendo a apelidos criados pela sociedade heteronormativa, com o intuito de discriminar, inclusive, através do termo de identificação do sujeito.

Dos 25 alunos que responderam essa primeira questão, 13 disseram não entender nada, ou não saber o que significa, entretanto, quando observamos nas questões posteriores 7 dos que disseram não saber do que significa, responderam as demais questões que complementavam o pensamento da primeira. Essa suposta “ignorância” sobre o termo é como se o jovem dissesse que isso não o diz respeito, pois não o representa. A canadense que estuda a teoria Queer Debora Britzman comenta

[...] a insistência de que a sexualidade deva estar confinada à esfera privada reduz a sexualidade às nossas específicas práticas sexuais individuais, impedindo que concebamos a sexualidade como sendo definida no espaço social mais amplo, através de categorias e fronteiras sociais [...] (1996, p. 80)

O estudante A respondeu colocando a vergonha que sente por essa prática existir: *“Para mim é uma pouca vergonha, Deus criou o homem para a mulher, ai vem o Diabo de duas pessoas do mesmo sexo namorando, isso para mim não era para inxiste isso agente se envergonha imagine Deus.” [sic]*

Percebe-se através da fala da jovem que esta utiliza do discurso religioso para mostrar que a prática homossexual é “errada”, “não é natural”. Contudo, como vimos na discussão inicial deste trabalho a própria noção de natural é uma criação cultural imposta aos sujeitos pelas instituições reguladoras- Igreja, Estado, justiça, escola- tentando regimentar os corpos.

O discurso religioso sempre foi muito propagado na intenção de regular os corpos segundo o que “Deus” acharia correto. E o medo do castigo vindo dos céus sempre encheu de temor algumas pessoas muitas dessas durante muito tempo ficaram com sua sexualidade trancafiada sobre as amarras desses discursos.

Outro estudante, agora denominado B, escreveu que a prática não é proibida *“mais eu acho que isto e muito orrivel.” [sic]*. Como vemos, o aluno reconhece não há lei contra o ato, mas deixa claro que o mesmo é reprovável, vergonhoso, ou como nas suas palavras, horrível.

Na maioria das vezes, o que os alunos sabem sobre homossexualidade parte de reproduções de ideia de padrões sociais nos quais eles vivem que tende a fabricar sujeitos que reproduzem essas ideias.

A segunda pergunta, **O que você acha de casais homossexuais andando de mãos dadas ou se beijando em locais públicos?** Cinco dos 25 alunos responderam achar a prática normal, sem muitas delongas, apenas identificaram como “normal”. O aluno C colocou que era “nojento”, “sacanagem”, enquanto outros dois disseram que era algo “ridículo”, acrescentando ainda que *“ridículo, porque se um casal masculino e feminino já beijam nas ruas é meio estranho imagina o homem com homem” [sic]*. Como vimos, esse adolescente já considera estranho o comportamento dos enamorados de gêneros opostos se beijarem em público por acreditar que práticas amorosas deveriam ser feitas em lugares mais escusos, “apropriados”, no privado. Esse é um discurso que permeia ainda hoje, mas

que surgiu em meados do século XIX<sup>6</sup> onde as instituições começam a mediar os espaços em público e privado e dando novos sentidos a eles e o que convêm ou não nesses espaços. É possível notar também quando o/a aluno/a coloca que “até respeito, mas acho desnecessário em locais públicos”, que isso enfatiza a ideia de que escondido pode, mas em público vai constranger quem está perto porque esse comportamento não é percebido como algo natural por isso deve-se esconder para não chocar.

Essa ideia fica ainda mais forte na fala desse/a outro/a estudante D, “*Acho que pode causar más impressões e atenção das pessoas, eu acho estranho, incomum, não aceito muito essas coisas, mas eu respeito.*” De pronto, é possível perceber a dicotomia na fala desse estudante, uma vez que ele não se sente bem ao presenciar uma cena de um casal de homoafetivos, no entanto, acredita que os respeita. A intolerância fica evidente quando diz que algumas pessoas isso pode se incomodar, demonstrando também sua percepção acerca do olhar dos outros sobre o indivíduo gay. Ou seja, de que possivelmente este sofreria discriminação ao demonstrar afeto por alguém do mesmo gênero publicamente.

O estudante D, diz ainda não ter preconceito, mas corrobora com a ideia de que as exposições de afeto publicamente pelos homossexuais chocam: “*acho que eles tem que respeitar, não é preciso, mas porquê ainda têm muita gente precoseituosa e se eles ficarem se beijando ele vão ser agredido verbalmente*”[sic]. O jovem demonstra a preocupação em deixar claro que ela não é preconceituosa, mas também não acha correto demonstrações homo afetivas. Em seu discurso tenta explicar que talvez esconder seria uma prática necessária para que todos pudessem conviver bem em sociedade e isto inviabilizaria esses sujeitos serem discriminados e sofrerem repressão pela sociedade. O/A estudante E diz achar “*uma pouca vergonha para a sociedade ver isso se quer fazer suas sebozera vai pra outro local e não tá fazendo isso na sociedade pra todo mundo ver, desculpa mais isso mercê uma pisa.*”[sic]”

Diante dessas falas é como se todos dissessem: ora cada um tem sua vida contanto que não desrespeite o olhar do outro, ou seja, você pode exercer sua sexualidade, todavia, que seja entre quatro paredes, escondido em casa, que ninguém seja testemunha, pois é algo pecaminoso que foge a regra e não é bonito de ser visto. Discurso este explicitamente homofóbico, mas não entendida nem aceita como tal. Quando questionada sobre esse seu

---

<sup>6</sup> Acerca do que se torna público e privado e de como os espaços e comportamentos irão mudar com o nascimento da família moderna e civilizada vê: ELIAS, Norbert. O processo civilizador: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .1994, v I

posicionamento a estudante disse não ser homofóbica, “mas que acho feio, acho”. O termo homofóbico (aversão à homossexualidade) espanta, é feio por isso a não identificação com o termo, mas sim inconscientemente com a prática.

A sociedade não vê com bons olhos algo que para a grande maioria foge a regra. A regra é que sejamos heterossexuais e monogâmicos que não tenhamos desejos diferentes daqueles que são propagados como o correto e aceitável.

A terceira questão foi proposta devido o grande embate ideológico que ocorreu quando no Brasil foi liberado pela justiça <sup>7</sup> o casamento gay, chocando parte da população dita conservadora da moral e bons costumes. Enquanto a sexualidade depende unicamente do casal é mais fácil de ser aceita, pois os sujeitos se escondem para não chocar os outros com demonstrações de carinho é menos “pecado” ter-se desvirtuado, porém quando o relacionamento passa a ter uma proporção maior fazendo com qual a sociedade vire espectadora essa reage por que se sente ferida. Isso foi notado diante das respostas a nossa terceira questão: **O que você achado casamento Gay?** E não foi diferente ao incitar esse questionamento aos jovens que disseram “*ter repulsa só em pensar*”, “*algo estranho, mas que já tá virando normal na sociedade*”, é como se eles dissesse “não há mais o que fazer agora é só observar”, cinco dos alunos responderam utilizando o discurso religioso para justificar a prática como “*errada*”, “*nada contra mais se Jesus fez homem é pra ser homem e pronto. Mais cada um tem sua vontade*” [sic], outros são mais enfáticos “*acho errado*”, “*bem, não é muito comum*”, “*uma coisa muito feia*”, “*não tenho muito nada contra se ela serão felizes assim , mas é estranho essas escolhas que são fora do comum*”[sic].<sup>8</sup>

O estudante F complementa dizendo que “*quem tá colocando essa lei no mundo é mais safado do que eles que esta casando isso não era mesmo pra existe*”[sic]. Já o/a adolescente G diz que acha bastante estranho “*não ver uma noiva com um vestido e mais estranho ainda é dois homens se beijando na frente de todos os convidados tanto quanto dois homens quanto duas mulheres.*”[sic]

---

<sup>7</sup> O reconhecimento de casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil como entidade familiar, por analogia à união estável, foi declarado possível pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 5 de maio de 2011 no julgamento conjunto da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) n.º 4277, proposta pela Procuradoria-Geral da República, e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) n.º 132, apresentada pelo governador do estado do Rio de Janeiro. Desta forma, no Brasil, são reconhecidos às uniões estáveis homoafetivas todos os direitos conferidos às uniões estáveis entre um homem e uma mulher. Sobre isso vê: [www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)

<sup>8</sup> Essas opiniões são respectivamente dos alunos C, D e E.

### 2.3 O desenrolar das falas

Nesse novo momento as questões passam a enfatizar mais o espaço da escola. Abordamos agora a partir da realidade deste aluno e sua vivência dentro da instituição também estudada.

A quarta questão perguntava: **Você já presenciou algum tipo de discriminação acerca da sexualidade com outros colegas seus?** Nove alunos disseram não perceber nenhum tipo de discriminação ou presenciado algo, todavia. Onze outros estudantes disseram ter ouvido xingamentos como “boiola”, “veado”, “bicha”, “baitola”, “safado”, “nojento. Outro estudante identificado aqui como F, descreveu ter presenciado algum tipo de discriminação afirmando que *“Vi sim! Levando empurrão, tapa e é muito humilhado é porque ele chega detrás dos meninos e dar um beijo os meninos começa a bater nele.”*[sic]

Ou seja, essa afirmação demonstra que é corriqueiro os xingamentos, chegando a momentos de violência física ao oferecer pontapés e tapas. Todavia, a violência simbólica é a que mais acontece na maioria das vezes, porém, passa despercebida por aquele que a comanda, mas que fere e interfere na identidade do Outro que está sendo submetido aos maus tratos. Essa interferência irá mexer com o convívio social do jovem bem como com a sua postura enquanto cidadão, passando a se excluir mais do meio social com medo de represálias.

Ao longo do questionário, os alunos vinham procurar algumas informações sobre o que a questão realmente estava perguntando nos deixando surpresos, pois um assunto tão atual e que sempre está na mídia seja de forma positiva ou negativa, ou mostrando alguma violência acerca da sexualidade ou modificações na lei acerca da temática não era bem conhecida por esses jovens que, mais do que certas, possuíam indagações.

Entretanto, um dos motivos dessa falta de conhecimento acerca da homossexualidade ficou mais evidente na sexta pergunta, quando questionamos: **Já tiveram alguma aula que abordasse o tema? E de que forma os alunos ficaram enquanto era exposto o assunto?** Todos foram unânimes (os 25 questionário entregues) ao responder que não tiveram aula sobre o assunto, inclusive, um estudante expôs que talvez a dificuldade em responder tais questões seja por esse motivo: *Nenhum professor falou disso não, o professor de biologia é que começou a falar sobre sexo mas mostrando os órgãos sexuais de cada um, e doenças que a gente pode pegar se transar sem camisinha só!*[sic].

Mesmo sendo uma das propostas dos PCN's e na maioria das vezes do próprio Projeto Político da Escola (PPP), há muitos fatores que impedem o professor trabalhar com a questão do corpo e a sexualidade: a falta de formação capacitada acerca do assunto; o receio de ser estigmatizado como um simpatizante da causa e por em dúvida sua sexualidade.

O desafio de tentar formar uma nova consciência crítica acerca da temática aos alunos que já chegam carregados de ideologias dominantes repetidas pelo meio em que vivem; a ideia de que é um assunto secundário, sendo mais importante o aluno se a ter a disciplinas como matemática e português; de ser um assunto que quem deve abordar é unicamente o professor de biologia- o que na verdade cai na dicotomia de acreditar que a homossexualidade é um problema biológico relegando a biologia a encontrar as repostas para identificar o motivo pelo qual as pessoas são homossexuais; Enfim vários são os desafios e o próprio professor, que em muitas vezes no íntimo também, pensa do mesmo modo que os jovens surgindo uma dificuldade ainda maior: Como ensinar aquilo que não aprendeu ? Talvez seja o maior desafio.

O professor como mediador precisa questionar esses discursos heteronormativos, que são percebidos como verdades absolutas desconstruindo as evidências, subvertendo as verdades ditas e vistas como irrefutáveis para que o aluno possa problematizar “as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou desconhecer/outras)”.<sup>9</sup>

Ainda tentando abordar a questão diante da realidade do aluno dentro da escola, fizemos a seguinte pergunta: **Se na sua escola fosse permitido o namoro entre pessoas do mesmo gênero, como você reagiria à cena?** Dentre os 25 que devolveram o questionário respondido, apenas 3 disseram que reagiria de forma normal, os alunos A, F, G e E utilizaram as palavras “horrível”, “ridículo”, “feio”, “estranho”, “esquisito”, “falta de respeito”, “algo errado” , “chato e constrangedor”. Um desses estudantes citou que “*se fosse permitido o diretor tinha que tomar uma atitude sobre isso. Porque ia ser muito feio e a escola ia ser mal vista pelos pais dos alunos.[sic]*”.

Esse aluno, através do seu argumento para explicar a questão, termina por indicar o que os pais esperam da escola, já que não aceitariam e não gostariam de ver seus filhos dentro de uma escola que permite essa prática. Diante disso, percebe-se como a

---

<sup>9</sup> LOPES, Guacira Louro. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014



homossexualidade ainda é representada como algo pecaminoso, um crime, desvio de conduta, um erro. Ela não é admitida nem muito menos aceita. E esses jovens tornam-se reflexos dessa sociedade, já que estão submetidos a gama de informações e instituições que impõem, mesmo que às vezes sutilmente, o que é permitido e o que é “proibido” dentro dessa sociedade líquida para utilizar o termo de Bauman.<sup>10</sup>

Na questão 7, os alunos deveriam marcar se tinha algum amigo ou parente homossexual, travesti ou transexual. Dos vinte e cinco estudantes que responderam, 5 informaram não ter nenhum amigo nem parente homossexual; 10 responderam ter um amigo ou amiga homossexual; 3 possuem um amigo ou amiga transexual ou travesti; 4 possuem um parente homossexual; 3 possuem um parente transexual ou travesti.

Pelas respostas dos estudantes, uma questão se torna evidente: mesmo tendo homossexuais na família ou na sua rede de amigos, como atesta esta última questão, os alunos demonstraram uma vertiginosa raiva acerca do assunto, chegando a citar a situação como algo feio, constrangedor, horrível entre outros adjetivos utilizados por eles para identificar a prática homossexual. Como vimos, os estudantes afirmaram, em outras respostas, que a prática poderia ser “permitida” se fosse escondida e a sociedade não tivesse que presenciar demonstrações de afeto publicamente.

Após compararmos as respostas dos mesmos alunos que diziam ter algum parente ou amigo homossexual com suas respectivas resposta anteriores, percebemos uma conotação mais branda dada por estes as questões, de maneira mais aberta, agradável, como se fosse mais fácil entender o posicionamento desses sujeitos por estes participarem da sua vivência, do seu cotidiano observando seus desejos, suas inquietações, suas limitações, seus medos suas angústias por terem que se esconder e não poder admitir o seu desejo sexual diferente do paradigma normativo. Posição bem diferente assumida pelos alunos que alegaram não possuir nenhum amigo ou parente homossexual, esses transpareceram em suas respostas um misto de indignação, raiva, aversão pela prática sexual assumida por esses jovens.

A oitava pergunta **questionou: “Você já presenciou alguma situação de discriminação relativa à orientação sexual na escola envolvendo diretor, funcionários, pais de alunos, professores ou os próprios colegas?”** Oito estudantes colocaram como nunca presenciaram situação de discriminação por ninguém; onze alunos disseram ter percebido discriminação sobre a questão de orientação sexual pelos próprios colegas ao

---

<sup>10</sup> BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

adjetivar os adolescentes de “bichas”, “veados”, “boiolas” entre outros. E seis desses assinalaram que também já observaram esse tipo de preconceito vindo através de discursos e olhares provenientes de professores, funcionários da escola e pais de alunos.

Buscando provocar ainda mais sobre esse tema, fizemos outra pergunta: **Como você reagiria ao presenciar uma situação de discriminação vivida pelo seu colega?** Dezesete, dos vinte e cinco alunos que entregaram o questionário disseram que não se envolveriam no caso. Apenas oito afirmaram que comunicariam a direção da escola para que esta chamasse os envolvidos para resolverem a situação ou ao professor que estivesse em sala de aula no momento.

Perguntamos ainda **E se o autor da discriminação fosse um professor ou funcionário da escola como você agiria ao ver um ato discriminatório?** Levar o caso a direção foi citado por nove alunos, um comentou quealaria ao Conselho Regional de Educação, enquanto que quinze comentaram que não se envolveriam no caso, pois o profissional deveria saber o que estava fazendo.

A última questão explana a ideia de como é representada a homossexualidade pela sociedade. A questão era: **Durante muito tempo pensou-se que a homossexualidade era uma doença, haja vista algumas crianças desde cedo demonstrar trejeitos. Alguns pensam que a influência da mídia e amigos vai interferir na construção de sua nova identidade, outros acreditam ser um desvio de caráter e personalidade. Qual a sua opinião sobre isso? Justifique.** Quinze alunos responderam que não faziam ideia do que poderia ser um dos motivos ou não entenderam a pergunta. Três disseram ser biológico, pois “*oxe, você vê desde pequeno o menino todo mole vei, já uma bicha toda*”. Contudo, um aluno deixou uma reflexão interessante:

As pessoas devem aceitar os outros que tem suas escolhas, apesar do preconceito que pode até ser meu caso, podemos aprender algo sobre isso e elas aprenderem sobre suas escolhas, eu tenho amigos homossexuais, e apesar de serem diferentes de mim e de outras pessoas, elas são especiais e eu gosto muito delas, se querem ser felizes porque as pessoas não deixam? A discriminação acontece toda hora, mas tem pessoas que dão o maior apoio, meu pai é 100% preconceituoso e ele devia aprender sobre esse assunto também, apesar de ser muito ignorante.[sic]

Bem, a aluna não respondeu a pergunta como esperávamos, mas demonstrou que afetividade dela pelo amigo a fazia notar o assunto de uma forma mais branda, mais sensível a essa prática demonstrando, inclusive, uma certa indignação ao perceber que o pai é preconceituoso e deixando claro que não caberia a ela impor o certo ou errado das

escolhas feita pelo Outro, o que a faz “bater de frente” com a noção que o pai tem sobre o assunto.

Outro colega encontra um “culpado” para justificar o grande fluxo de jovens homossexuais na escola: *Eu acho que eles são assim porque influenciados pelos amigos, e também por nós contar nada de sua vida aos pais e também a mídi ensina os meninos que já tem o jeito, se declarar logo ou seja sai do armário.[sic]*

O aluno em evidência, assim como cinco dos seus colegas, elencam três possíveis culpados: os amigos, a família e a mídia. Os amigos que através dos seus discursos influenciam os mesmos, mostrando que o jovem tem que ser feliz de qualquer jeito e de qualquer maneira. A família que na sociedade globalizada cada vez mais individualista e ágil não permite aos pais uma maior interatividade para conversar com os filhos, tirar dúvidas, ouvir, aconselhar ou apoiar. A a mídia, que segundo os jovens, manifesta o desejo de que aquele que sofre por não ser aceito ou por ser chamado de “diferente” que se assuma, ou seja, saia do “armário”, para viver sua vida conforme sua ideologia e não segundo as regras ditadas pela sociedade heteronormativa.

O estudante H diz: *É só você perceber todas as novelas agora tem um casal gay ou um personagem gay é como se dissesse a gente, olha isso é normal então aceite logo senão você que é o errado por não aceitar daqui a pouco nós seremos presos por dizer que somos hetero.*

Este aluno referido acima demonstra uma certa indignação e medo chegando a admitir através do seu discurso talvez algo que seja um dos maiores receios da sociedade que hoje já acostumou-se a dizer que ocorreu uma inversão de valores para não argumentar que o tempo mudou e com ela as pessoas tiveram que se adaptar ao meio mudando determinadas posturas . É um discurso homofóbico acreditar que se for permitido pela sociedade às reivindicações dos mesmos isso expandirá o fluxo de homossexual. Para estes enquanto vivermos sobre as amarras das entidades reguladoras será mais fácil impedir a banalização do sexo.

As perspectivas que os alunos possuem sobre homossexualidade depende muito das influências que adquirem na família, na religião em seu círculo social. Por isso a necessidade de indagar, confrontar seu dia a dia , suas vivências, suas inquietudes, pois é a partir do olhar do seu espaço que será possível diagnosticar como é criado e de que forma os dispositivos normativos e reguladores que ditam o que é certo ou errado impondo a todos sem questionamentos e problematizações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar a sexualidade na escola envolve diversas questões e polêmicas, devido à complexidade do tema e às diferentes visões e crenças dos atores que compõem o contexto escolar. Num momento em que a mídia, a igreja e o Estado sobressaem em discussões sobre a homossexualidade: como surge, porque surge, questionando os ditames sociais e abrindo espaço para a inclusão desses sujeitos em várias instâncias problematizando o surgimento dessas identidades não mais rígidas e engessadas, agora mais fluidas e fragmentadas é primordial a interação da escola envolvendo-se nos embates com a finalidade de propor novos questionamentos e a quebra das amarras sociais impostas pelas instituições legitimadoras do poder que há muito limitam os corpos.

Momento em que o casamento gay é percebido sob nova óptica não como “aberração”, mas como direito civil conquistado em meio a muitas lutas e reivindicações, em que há eventos promovidos para comunidade LGBT como as paradas gays e tendo na outra ponta da corda a discriminação, a violência contra esses sujeitos essa pesquisa vem mostrar a visão de um grupo de adolescentes, com o intuito de fomentar ainda mais a discussão.

A partir da análise do questionário, foi possível observarmos o tipo de informação que os alunos possuem sobre o assunto onde na maioria das vezes reproduzem as representações que os outros tem sobre (homo)sexualidade através das falas dos familiares, amigos, mídia e igreja. Cerca de 90% dos alunos diz não ser preconceituoso, mas já ter presenciado alguma situação de discriminação por parte dos colegas ou de algum funcionário da escola e que no momento do ocorrido nada fez para interferir na situação.

Percebemos que grande parte dos alunos não aceitam a prática homossexual e dizem aceitar, mas se essa ocorrer escondida, entre quatro paredes que as demonstrações de carinhos sejam feitas de forma privada porque publicamente gera constrangimento. E que os grandes “vilões” para que cada dia mais essa prática dita “desvirtuada, horrível, nojenta”- para utilizar alguns dos termos usados pelos alunos- esteja proliferando seria a falta de atenção e conversa dos pais com seus filhos, uma busca por serem aceitos ou a curiosidade pela experiência sexual fazem os meninos (e meninas) começarem a praticar relações sexuais com o mesmo gênero e a partir daí não conseguem mais sair. Outros admitem que a mídia influencia ao enaltecer a liberdade sexual como um desejo e que este

não deveria ser reprimido, outros acreditam que os amigos influenciam consideravelmente nas escolhas e que a intimidade com esses amigos os fazem agir e se permitir atitudes que não fariam em frente a seus pais.

Observamos que quando se trata de um amigo ou parente que seja homossexual o jovem tem uma postura diferente daquele que não tem amigo ou nenhum familiar gay. É como se por está mais próximo do sujeito homoafetivo a sua perspectiva de mundo e o pensamento acerca disso tome uma conotação mais suave e uma busca por entender as causas que levam esses indivíduos mesmo sabendo do preconceito que sofrerá tendem a quebrar as amarras e se sujeitar a todo tipo de discriminação para não vê seus desejos reprimidos.

Como já dito, o trabalho aqui não veio tentar explicar possíveis causas para homossexualidade, mas mapear como estas identidades são vistas por um grupo de alunos e como percebem as ações para com esses sujeitos dentro da escola.

Diante de tais questões, mais uma vez está posto o desafio para escola e para o professor, no sentido de abordar tais questões com mais atenção dentro do ambiente escolar orientando o jovem a quebrar barreiras preconceituosas a partir do conhecimento problematizando questões ditas “verdades” e conhecendo melhor o seu corpo e os seus desejos, partindo sempre da prerrogativa de que vivemos numa sociedade em que são construídos espaços e verdades ditas “naturais” no intuito de delimitar os sujeitos e seus corpos conforme uma rede de poder que nos circula de maneira invisível regrido e normatizando os sujeitos e seu comportamento.

Enquanto tratarmos da questão da sexualidade apenas como um tema discutido no âmbito privado dentro da família ou como uma abordagem transversal restringindo-se a biologia não avançaremos na construção de uma nova prática pedagógica inclusiva. Para isso é imprescindível a ampliação das discussões não somente dentro de uma disciplina específica mas de forma multidisciplinar onde a escola torne-se um instrumento formador, (des)construtor de opiniões com a finalidade de quebrar paradigmas de portas abertas para as novas ideias e não um mero transmissor de verdades das quais muitas estão obsoletas e não condiz mais com a nossa realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Tomaz, Fernando. São Paulo: ed. Bertrand Brasil. São Paulo, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação sexual**. Brasília: MEC, 1997.

BRITZMAN, Debora. **O que é essa coisa chamada amor- identidade homossexual, educação e currículo**. Educação e Realidade. Vol.21 (1), jan./jul.1996.

CAVALCANTI, Roberta Ferreira et DINIS, Nilson Fernandes. **Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia**. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

CHARTIER, Roger. **A história hoje: dúvidas, desafios, propostas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Vol. 7, n.13, 1994, p. 97-113.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A História da sexualidade**. V.1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências**. Revista Contemporânea de Sociologia da UFSCAR, São Carlos, v. 2, n.2 jul-dez 2012, p.363-369.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_ (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAGALHÃES, Leslei Lester dos Anjos. **Homossexualidade, homoafetividade e homofobia em face dos direitos humanos fundamentais.** Jus Navigandi, Teresina, ano 18, n. 3623, 2 jun. 2013 .

MARTINS, Ana R. e MOÇO, Anderson. **O assunto é sexo. E é sério.** Nova Escola. XVIII (214),Ago.2008.38-46.

NAVARRO, Tania Swain. **As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades.** Labrys. Estudos feministas. V.1-2,jan/dez.2002.

REIS, Aparecido Francisco. **Homofobia e sexualidade: a agressividade do “palavrão” como forma de manifestação do bullying no ambiente escolar.** Interfaces da Educação. Parnaíba. V.5, n.13, p.194-207,2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_ (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. Vol.20 (2), jul./dez.1995.

## ANEXOS





Secretaria de Estado da Educação  
Curso de Especialização Fundamentos da Educação:  
Práticas pedagógicas interdisciplinares

Questionário

Observação: Esse questionário abaixo servirá de subsídio para a pesquisa que ora desenvolvo acerca das percepções dos alunos da escola Antônio Bento acerca da Homossexualidade na escola. Os alunos que responderam ao questionário terão suas identidades mantidas em sigilo. Salienta-se também que todas as opiniões aqui são de responsabilidade dos alunos participantes das turmas 9 ano A e B não tendo a mediadora da pesquisa nada interferido na respostas. Deixando claro que todos que responderam automaticamente liberaram a análise dos dados aqui expostos.

Faixa Etária: ( ) de 12 a 15 anos ( ) de 16 a 18 anos ( ) mais de 18 anos

Etnia: ( ) amarela ( ) índia ( ) negra ( ) branca ( ) parda

Gênero: ( ) feminino ( ) masculino ( ) outro: \_\_\_\_\_

Reside: ( ) Zona rural ( ) Zona urbana ( )

Renda mensal aproximadamente: ( ) menos de um salário mínimo ( ) até dois salários mínimos ( ) de dois a três salários mínimos ( ) mais de três salários mínimos

01.O que você entende por homossexualidade?

---

---

---

---

---

02.O que você acha de casais homossexuais andando de mãos dadas ou se beijarem em locais públicos?

---

---

---

---

---

03.O que você acha do casamento gay?

---

---

---

---

04. Presenciou algum colega sendo discriminado? De que forma?

---

---

---

---

05. Já tiveram alguma aula que abordasse o tema? E de que forma os alunos ficaram enquanto era exposto o tema?

---

---

---

---

04. Se na sua escola o namoro e a demonstração de afeto entre alunos fosse permitido, o que você acharia sobre dois alunos ( meninos) ou duas alunas namorando ou andando de mãos dadas na escola?

05. Você tem algum (a):

Amigo ou amiga homossexual  amigo ou amiga transexual ou travesti  parente homossexual  
 parente transexual ou travesti  nenhum

06. Você já presenciou alguma situação de discriminação relativo à orientação sexual na escola envolvendo:

alunos  professores, funcionários e alunos  direção e alunos  direção e professores, funcionários  
 pais, mães, responsáveis de alunos e professores e funcionários  pais, mães, responsáveis e alunos  
 nunca presenciei situação como esta

07. Como você reagiria a uma situação de discriminação por orientação sexual entre alunos em sua sala de aula?

Levantava e discutiria com os envolvidos  Levaria a situação ao professor ou direção da escola  
 Conversaria com os envolvidos sobre o ato de discriminação  Falaria a direção para que esta chamasse os envolvidos para resolverem a situação  Não se envolveria  outros

08. E se o autor da discriminação fosse um professor ou funcionário da escola como você agiria ao ver um ato discriminatório?

Levaria o caso para a direção  Não se envolveria, pois o profissional deve saber o que está fazendo  Outros: \_\_\_\_\_

09. Durante muito tempo pensou-se que a homossexualidade era uma doença, haja vista algumas crianças desde cedo demonstrar trejeitos opostos à sua sexualidade. Entretanto, outros pensam que a influência da mídia e amigos vai interferir na construção de sua nova identidade, outros acreditam ser um desvio de caráter e personalidade. Qual a sua opinião sobre isso? Justifique.

---

---

---

---

---

---

